

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º a entrega	10.º ANNO—VOLUME X—N.º 294	REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	\$650	\$120	21 DE FEVEREIRO 1887	LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4
Possesões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—\$—	—\$—		Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Extrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	—\$—	—\$—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Aqui ha tempos, quando em Lisboa reinou epidemico o *spiritismo* — que ainda hoje para ahi lavra, mas endemicamente, tendo ja perdido a intensidade do contagio, como acontece ás doencas que se acclimam n'uma região qualquer — dizia-nos com muito espirito, um sujeito d'idade, que tem visto muito mundo e muitas coisas:

— Esta nossa sociedade de hoje, é uma sociedade perfeitamente original, não cre em Deus, e acredita na mesa de pé de gallo!

E effectivamente é assim. A corrente positivista arrasta os espiritos; se a sciencia não illumina todos, o scepticismo domina os restantes; os crentes em qualquer coisa são rarissimos; tudo o que a sciencia experimental não explica é regeitado terminantemente, com um grande desdem superior e no meio de tudo isto, no meio d'este seculo de sciencia e de indiferença, basta que appareça um medium a evocar espiritos, ou um magnetizador a fazer adivinhações, para que todos esses incredulos desdenhosos, corram cheios de curiosidade, de espanto e de interesse, a assistir ás suas sessões, promptos a acreditar em tudo, a admittir o sobrenatural, o phantastico, com a convicção profunda dos convulsionarios de Saint-Medard.

E este phenomeno não se dá só em Lisboa, dá-se nas capitães mais civilizadas, nos povos mais adiantados, nos homens mais illustres, porque no fim de tudo não representa um modo de ser especial da nossa terra e da nossa socieda-

de, representa essa tendencia innata no espirito do homem para tudo que é maravilhoso, essa atracção poderosa, que desde a mais remota antiguidade, o sobrenatural, o phantastico, tem exercido sempre sobre a alma humana.

Ha annos foi o *spiritismo*, que, não sei como, se propagou por toda Lisboa e fez uma verdadeira revolução na nossa terra. Não havia casa particular onde ás noites as pessoas mais circumspectas, mais graves, mais illustradas, não cavaqueassem com os mortos e as mezas de pé de gallo, tiveram uma procura tal que até lhes fez augmentar os preços.

No theatro de D. Maria fazia-se *spiritismo* todas as noites nos camarins dos actores; aconteceu muitas vezes que no palco o numero dos especta-

dores era muito superior ao d'aquelles que estavam na sala de espectáculo.

E havia crentes ardentissimos, cheios de convicção e não só entre a gente illetrada, entre a gente ignorante: rapazes muito intelligentes, homens muito illustrados andavam perfeitamente convencidos do *spiritismo*, e lembro-me perfeitamente d'um d'elles, um amigo meu, escriptor de talento e homem de sciencia, que dizendo-lhe eu uma noite, ao pé da tabacaria do Neves, que pensava em fazer uma comedia, tendo por assumpto o *spiritismo*, me aconselhou cheio da mais nobre convicção:

— Não faças isso, é uma peça que cae perante o publico indignado, porque o *spiritismo* hoje é já uma religião!

O que vale é que estas coisas são como os vapores do vinho, passam depressa, e que d'alli a poucos dias esse meu amigo ria a bom rir dos seus convictos enthusiasmos *spiritistas*.

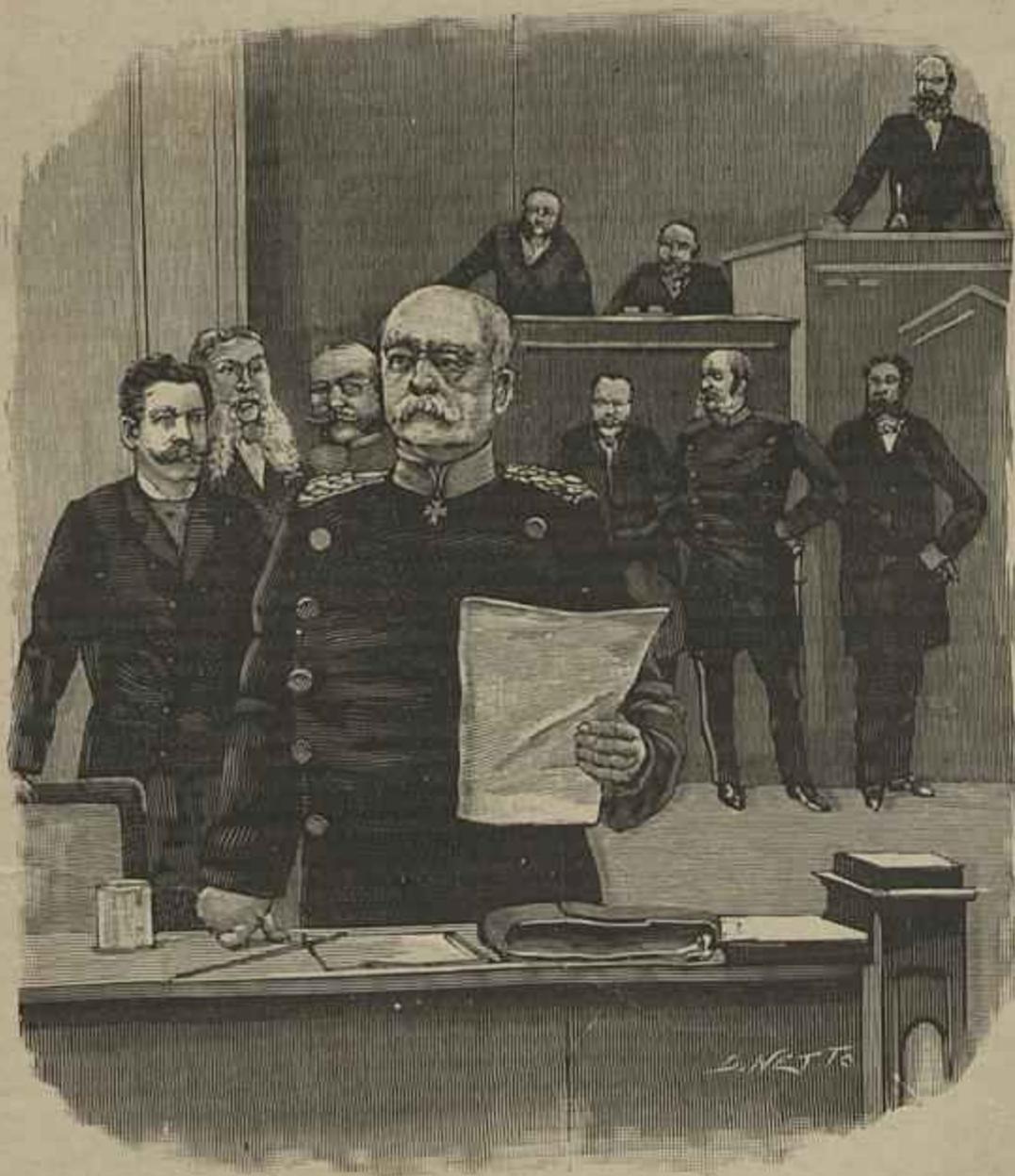
Eu, que não sou de maneira nenhuma homem de sciencia, tenho-me conservado sempre, em frente d'esses phenomenos sobrenaturaes, n'uma espectativa prudente, e com muito boa vontade, confesso-o, submetti-me a varias experiencias de *spiritismo*, prompto a confessar-me publicamente um crente de Allan Kardec, desde o momento em que me forem dados pessoalmente, directamente, provas de convicção.

E até hoje, meus senhores, tenho ouvido contar maravilhas do *spiritismo*, mas por um acaso singular, essas maravilhas nunca se operaram em sessões a que eu assistisse, nunca se fizeram a meu favor.

Entretanto não perdi ainda as esperanças e não peço melhor do que ser convencido.

E continuo a procurar sel-o.

Aqui ha merces convidaram-me para ir a uma casa onde se faziam todas as noites sessões de *spiritismo* e magnetismo, com grandes e maravilhosos resultados.



BISMARCK NO REICHSTAG

Fui logo.

Infelizmente n'essa noite a sessão não deu nada. É azar meu.

O spiritismo ali não era feito por meio de mesas, era mais aperfeiçoado, por meio de *mediums* escreventes.

Convidaram-me a invocar o espirito de qualquer pessoa de quem eu conhecesse a letra. Invoquei o mentalmente.

O *medium* fartou-se de escrever varias letras, mas nenhuma d'ellas era a do tal espirito. Então pediram-me que dissesse o nome do *spirito* que invocava porque as invocações mentaes falhavam muitas vezes.

Disse o nome, mas a letra não appareceu.

Entretanto appareceu um *spirito*, que me disse:

— Sou eu.

— Mas a letra não é a tua. Eu não me conformo muito com esta semcerimonia com que se tratam os espiritos, — tu cá tu lá — mas é o estylo usado e submetti-me a elle.

— Não te importes com a letra, sou eu.

E deu-me o nome, que eu em voz alta tinha invocado.

— Bravo, então se és tu, dize-me d'onde me conheces.

— Do mundo, respondeu e espirito sem hesitar.

— Muito obrigado. Mas de que terra.

— De Lisboa, tornou elle depois d'um bocadinho de hesitação.

— Exactamente, de que sitio? Onde foi que me conhecestes?

O espirito esteve um pedaço sem responder.

— E que está a ver se se lembra, explicou-me amavelmente, cheio de convicção, um dos *crentes habitues* das sessões.

— Bem sei, é espirito que como muito queijo.

D'ali a momentos o *medium* escreveu:

— Da secretaria do Reino.

E olhou para mim.

— É? perguntou-me.

— Não senhor, quando esse *spirito* sabiu d'este mundo ainda eu não tinha entrado para essa secretaria.

— Vamos a ver se elle se recorda, disse o crente d'ind'agora, e voltando-se para o *medium* perguntou-lhe como se estivesse fallando com o Taborde:

— Não foi ahí, tu enganaste-te.

— Enganei, respondeu o espirito.

— Então dize lá onde foi?

O *medium* principiou a fazer rabiscos, a mão a tremer-lhe muito e a traçar caracteres inintelligiveis.

— O que vem a ser isto?

— É outro espirito que se mettu na conversa, explicaram-me. E é espirito attribulado, coitadinho!

E o espirito que eu invocára desapareceu, e não pode dizer mais nada.

E as minhas experiencias têm sempre ficado por estas alturas.

Ora eu dou-lhes a minha palavra de honra que não invento nada, que a scena que conto se passou exactamente assim e faço esta declaração, por que encontrei hontem n'um livro que trata de magnetismo applicado á dupla vista, uma scena que se parece muito com a minha, e que mostra que os processos seguidos pelos magnetisadores advinhos se parecem muito com os seguidos pelos *mediums* spiritistas.

A scena a que me refiro foi passada com Mery, com o Grisier, o celebre professor de esgrima, um magnetisador e uma somnanbula que tinha dupla vista.

Hypnotisada a mulher, o magnetisador deu-lhe uma madeixa de cabelos.

— De quem são estes cabelos? perguntou.

— D'um homem.

— Onde está esse homem?

— Viaja.

— Para que lado?

— Para o meio-dia... não, vai para o norte...

Vou segui-lo.

Entra no caminho de ferro.

— Vae para alem de Bruxellas?

— Vae.

— Para alem de Berlin?

— Sim.

— Para uma grande capital?

— Sim.

— S. Petersburgo?

— Exactamente. Espere... sae do comboyo...

entra n'uma grande rua... sobe a um grande palacio... Torna a sair... toma a direita... Ai! meu Deus! passa uma carruagem entre mim e elle... perdi-o de vista... ah! estou cançada!... soffro muito! Accorde-me!

E o livro d'onde traduzimos esta scena conclue dizendo, que dentre 100 sessões de dupla vista, 99 acabam sempre assim.

Ora nós não trouxemos isto aqui na intenção de querer provar que o magnetismo é uma mentira, uma mystificação.

Não o é com certeza, e a sciencia tem-n'o demonstrado hoje eloquentemente, em successivas experiencias triumphaes.

Mas a mystificação onde está, é n'esse magnetismo que advinha o futuro, que renova o conde de Fenix e Cagliostro, e que tem muito mais de prestidigitação do que de sciencia.

E tudo isto nos foi suggerido pela bulha enorme que fez em Lisboa a apparição do advinho Cumberland.

Essa bulha tambem foi rapida, passou depressa aqui, como passou tambem em Madrid, e cá, como lá, já muita gente fez as mesmas coisas que Cumberland fez, e que constituem no fim de contas um talento de sociedade, como os passes de cartas ou a advinhação de proverbios.

Mas o successo de curiosidade que despertou Cumberland foi enorme, unicamente porque se lhe attribuiam poderes mysteriosos, phantasticos, sobre naturaes, e o insuccesso que se seguiu á sua sessão foi exactamente por não se ter encontrado esse phantastico que se esperava.

Um espectáculo que deve o seu grande successo a ter o seu que de phantastico é a *Nitouche* no theatro dos Recreios.

Para toda a gente que tem ido ver o celebre Vaudeville afigura-se-lhe sobrenatural o primor de desempenho, que a essa peça dão todos os artistas, que n'ella entram, e em primeiro logar Lucinda do Carmo e Joaquim d'Almeida.

E effectivamente ha alli um prodigio, um d'esses prodigios que só sabe fazer o talento; uma notavel actriz de drama e de comedia transformada de repente em *diva* de operetta.

N'um primeiro passo galgar logo todo o caminho, entrar assim triumphalmente n'um genero especial e difficil como é a operetta, alcançar immediatamente na primeira prova o primeiro logar e fazer d'uma tentativa uma apothose, é um prodigio que tem muito mais de maravilhoso, que todo o sobrenatural do sr. Cumberland.

Joaquim d'Almeida é extraordinario de graça no papel duplo de Floridor e Burromeu, e todas as noites um publico composto de tudo o que ha de mais distincto em Lisboa, enche a sala do theatro dos Recreios, d'esse theatro cuja feliz transformação noticiámos na nossa ultima chronica, e applaude doidamente Lucinda do Carmo, a prodigiosa Mam'zelle Nitouche, e Joaquim d'Almeida, o phantastico organista, e Guilhermina de Macedo, e Mello, e Pinheiro, e Valle, e Carlos Rocha, e Lima, todos esses artistas que se puzeram em evidencia com o desempenho primoroso e inesperado que deram á formosa opereta, a essa opereta que Mello ensaiou magistralmente, para que Rio de Carvalho escreveu uma musica lindissima, e que está sendo o grande acontecimento theatral de Lisboa.

O Gymnasio teve tambem n'esta semana uma festa brilhante — o beneficio de Leopoldo de Carvalho, o victoriado e talentoso ensaiador d'aquelle theatro.

N'essa noite representaram-se duas comedias novas, que agradaram muito, uma em 3 actos, *O bigamo*, que tem graça ás mãos cheias, e é despendhada optimamente por Valle, Gama, Silveira, Telmo, Soccorro, Pinheiro, Cardoso, Jesuina, Emilia Lopes e Adelina, e outra em 1 acto, *Como nós por nossa casa*, muito movimentada, muito alegre, e que foi traduzida engraçadamente por Leopoldo de Carvalho.

Queiroz, um dos mais queridos actores da Trindade, fez tambem beneficio n'esta semana carnavalesca com uma peça propria do tempo, um disparate em 3 actos, *O Papão*, que faz rir muito e tem musica alegre, segundo nos dizem, porque ainda a não vimos.

E com esta actividade toda os theatros de Lisboa lançaram-se no carnaval, a sua melhor epoca do anno, a epoca em que todos se querem divertir.

E parece que este anno o carnaval será muito animado em Lisboa, primeiro porque o tempo seguiu e os dias estão lindissimos, frios como que, — mais uma razão para se dançar, para se foliar; — segundo porque este anno, não sabemos porque, paira sobre a população de Lisboa a febre de divertimentos carnavalescos, e ha que tempos que nas ruas estouram as castanholas e chiam as vozes esnancadas das mascarns populares.

Os bailes publicos tem sido concorridissimos, bailes particulares tem havido poucos, mas houve um que pelo seu excepcional brilho valeu por todos, o baile com que a sr.^a duqueza de Palmella

solemnisou na quarta feira passada os annos da sua filha, a sr.^a marquiza do Fayal.

Dizem nos maravilhas d'esse baile, que foi uma festa esplendida, como todas as festas dadas em casa da sr.^a duqueza, essa illustre senhora que pelo seu nascimento, pelo seu talento, pela sua illustração, occupa o primeiro logar no nosso mundo elegante.

Gervasio Lobato



O SEXTO SALÃO

Talvez interessasse a alguém um balanço comparativo da sexta exposição de trabalhos de pintura e d'esculptura, promovida pelos artistas agremiados no *grupo do Leão*, com as que triumphadoramente a antecederam e vêem estabelecendo e avigorando, com ella, uma corrente de tradição artistica, enraizada e viva, que é uma excepcional força, um impulsivo estímulo, e um premio glorioso para os seus iniciadores; mas arredo-me com prudencia e escrupulo d'esse genero d'análise confrontadora, porque o acho absurdo e estorpi. Embora proceda do esforço da mesma collectividade d'individuos, uma serie qualquer d'exposições d'esta ordem não pôde apresentar um caracter d'uniformidade, de parentesco, ou de correlação — desoladora, porque denunciaria uma estagnaria inercia, revelaria uma verdadeira paralyza angustiante do movimento creador; e nem mesmo se lhe deve exigir, absolutamente, que ascenda sempre n'uma escala progressiva, quando não se ignore que todas as manifestações do trabalho intellectual, e sobretudo das nossas facultades d'interpretação e d'expressão das cousas surpreendidas na realidade, soffrem forçosamente as fluctuações sem numero, que derivam d'infinitas e indiziveis circumstancias casuaes.

Talvez agradasse tambem a certa gente um rompimento definitivo da critica açulada e irada, contra a multidão de pequeninos quadros, que usam encher estes batalhantes *salões* nacionaes, quasi exclusivamente; mas, ahí está! — é preciso que uma pessoa conscienciosamente attenda ás condições actuantes do meio, por enquanto inimigas e tolhedoras da produção artistica. Os palacios ducaes para decorar e ornamentar não abundam, acho eu, as encomendas particulares não existem; e com as acquisições do estado nem sequer sonham os mais ambiciosos artistas, nas orgias descabelladas dos seus vertiginosos pezadellos aureos. Ora, se os governos se contentam e accomodam com o fradesco museu das Janellas Verdes, carunchoso e defumado, que exemplifica perfeitamente a mystificação da Arte sob a influencia official, e se obtinam em não lhe bolir, recusando-se a introduzir algumas telas modernas, como uma transição alegre de vida, entre aquellas velharias mais ou menos santarronas; e, se apparezem apenas os pequenos compradores, que simplesmente desejam pôr ligeiras impressões da natureza nas suas salas pouco vastas, é claro que ninguem se precipita n'olla vaidosa de fazer grandes obras, só para o desenganado effeito de ter de as guardar, e a procura limitada correspondem naturalmente os quadros de folego restricto, ainda que muita vez d'execução notavel.

De resto, convém repetir que nunca é no tamanho, que reside o valor d'um trabalho d'arte.

Mercê da sua solida reputação, laboriosamente ganha a custo de talento, Silva Porto adquiriu o direito — remunerado de pintar, cada anno, um quadro de largo formato. Intitula-se a *Volla do mercado*, o que elle nos exhibiu d'esta feita. Três pardos burricos regressam d'algunha feira saloia, carregados com os alforges symmetricos, emquanto um pachorrento cão amarellado se atravessa na azinhaga soalheirada, com risco de ser atropelado; ás costas dos que trotam á frente sentam-se duas camponezas, uma nova e risonha, a outra velhota, mãe e filha provavelmente; e no terceiro, que vem atraz, monta-se um bom homem de sacas, com o seu chapéu desabado. Na plena luz quente, cahida do céu claro, as mulheres abrem-se á sombra dos seus enormes guardasões, um azul, outro vermelho, como as flôres das cearas; as grossas piteiras carnudas e metallicas, d'uma aspera e poenta tonalidade verde, bordam e corôam os vallados arentos, e n'uma linha graciosa, uma d'ellas hasteia no ar o seu alto mastro enflorado; depois, para além, sob as raras manchas verdeneiras das oliveiras, estendem-se as terras nuas e rapadas, subindo levemente para

o horizonte, onde se arredonda o vulto alvejante d'um moinho de vento, tristemente desazado. E toda a paisagem arida dos arrabaldes lisboetas, colhida aqui n'uma reprodução sincera e caracteristica, e cercando essa pobre cavalgata familiar e molesta, que avança pacatamente. E alguém que, á vista do título, esperasse encontrar o espectáculo de gentes bebidas e armadas de varapaus, carriolas turbulentas, e manadas de gado caminhando na classica nuvem de poeira, poderia ficar um pouco desapontado, diante d'este quadro tão sobriamente composto; mas assim é que elle bem realisa a verdade, avessa geralmente aos ruidosos apparatus, que a habilidade inventiva combina e dispõe; e bastará que Silva Porto nos dê todos os annos uma obra igual, digna como a *Volta do mercado* de se emparceirar com os *Campinos*, os *Bois*, a *Salmuja*, — para que opulentamente consiga prender a arte portugueza com uma incomparavel galeria de scenas da vida rustica do nosso paiz.

D'entre os não muito numerosos quadinhos expostos pelo mestre paysagista, destaco o das *Margens do Nabão*, uma maravilha de cor suave e repousada, com o seu manso riacho azulado pelo reflexo da atmospheria limpa, correndo entalado nas verduras. Com a sua esbelta palmeira farlamente bracejada e como bronzea, posta ao lado dos muros baixos e caídos da cisterna, ao centro da planura coberta d'uma hervagem secca, o luminoso estudo do *Poço em Carnide* é tambem encantador, e tem não sei o que d'oriental. N'outros, porém, ha vestigios evidentes d'observação incompleta, que a execução esboçada com firmeza, exuberante na mancha impressionista, não resgata do todo.

Os tres retratos de creanças pintados por Antonio Ramalho são d'uma delicadeza singular, feitos n'uma maneira nova entre nós, n'uma attraente maneira original, em que á nitidez cuidadosa do desenho se casa uma requintada graça de factura. Nas frescas e avelludadas carnes rosadas vê-se um modelado seguro, e nos cabellos uma elegancia de toque admiravel; mas, nos fundos empastados, as figuras sobressaem pouco. A cabeça do menino Gil Guedes é d'uma bella naturalidade, respira e vive; sómente, as alvas rendas que pousam nos seus hombros estão detalhadas tão miudamente, que offerecem um aspecto frio. Os olhos negros do menino F. Ganhado, saltantes na saliencia molle das palpebras, parecem excessivamente hogalhudos. Quanto ao busto gracil da menina Margarida G. Cabral, lembra positivamente um pastel, com tal finura as escabrosidades vigorosas das tintas d'oleo foram vencidas. Esta pintura é deliciosa, e d'uma distincção desusada, innegavelmente; contudo, porque d'ella resulta uma suspeita d'amaneiramento, eu cá — mal aconselhado sem duvida por uma tendencia especial do meu espirito, — preferiria achar uma robustez d'execução desenvolva, no logar da minudencia exquisita e sabida, e a rica intensidade da cor, em vez d'aquelles doces tons esbatidos.

Oppondo a resistencia superior da arte, — que tambem serve, por vezes, de perpetua chronica pittoresca dos costumes d'uma cidade ou d'um povo, — á destruidora acção d'um ukase ministerial, Malhõa quiz vingar da irrespeitosa decadencia, a que foi condemnado despoticamente, o bando de S. Jorge, e memorou o n'uma curiosa e vistosa tela. Perfilados n'uma attitudo de descanso, que tem o inconveniente de os mostrar como humildes modelos pacientemente parados, os pretos arautos d'aquella quadilha grotesca e archaica, que fez o regalo da população lisboeta quando espiarecia e pompeava na procissão realenga do Corpus Christi, viram se todos para o espectador, e sopram rijamente com pandas bochéchas nas suas frautas e trombetas reluzentes, rufam nos seus tambóres; trajam tafulamente, a rigór, as opas escarlates agaloadas, nas cabeças ostentam os bicudos chapéus emplumados; e, bem aproveitada a abundancia variegada do colorido, as figuras acham-se robustamente postas. Como defeito saliente, apenas indicarei que a tonalidade branca das grosseiras calças e dos colletes confunde se, péga-se com a illuminada alvura da parede do fundo. Que o pintor entusiasta sympathisou decididamente com a carapinhosa raça negra; prova-o ainda o soberbo estudo da cabeça d'um preto carraneado e beicudo. A paisagem da *Pratia dos carnos* é extremamente artificiosa; e accentua-se n'ella, como na maioria dos quadros gritantes de Malhõa, uma propensão inveterada para exacerbar os effeitos do claro-escuro até á violencia, — a qual classifica mesmo, frisantemente, o temperamento declarado d'este artista. Por isso a sua pintura toma quasi sempre uma apparencia rebribante, mas dura, e com pedacitos que se julgariam esmaltados.

Greno expôz uma cabeça de mulher magnifica, pincelada com frescura e vigor. E tem uma discipula, D. Josefa Garcia Greno, que lhe dá grande honra. Decerto, pouco falta a esta senhora para ser uma pintora completa; conseguiu já uma maneira sua, larga e segura, e compõe agradavelmente os seus captivantes quadinhos de fructas e florações diversas, enzonhadas ostras e camarões vermelhentos; e maneja a cor com certeza, conheçôra do officio, deixando apenas um ou outro detalhe confuso. Apartando, a tentadora tela das *Papulas e botões d'ouro*, onde um braçoado de rubras flores dos campos, velludas e espessas de seiva, descaie sobre um ladrilho d'azulejo desbotado, ao pé d'um fuscante jarro de cobre, em cujo bôjo polido se alastra uma forte mancha de luz, é d'uma espontaneidade d'execução surprehenlente.

D. Bertha Ortigão pintou com uma verdade inexcédível os *Arenques* e o rotundo frasco de vinho branco, o transparente copo esverdeado, e outros petrechos de pitaça, reunidos n'um canto de meza, em companhia do bom cachimbo queimado, que nos falla de muitas fumaradas saborosas, gosadas pacificamente emtanto que se apura o chylo; e nenhum dos variados estudos expostos pela mesma senhora, paysagens, ramalhetes de rosas, um costume, um trio de gordos gatos, pratos floridos de pinturinhas decorativas, attinge a naturalista perfeição de factura d'esse bonito quadro caseiro. Um promettedor debutante, Carlos Reis, apresenta-se vantajosamente, com decisivas e expeditas qualidades de cor e um gosto meridional da radiosa luz; a fórma inquietante, porém, enbaraça o ainda, e elle procura iludir a por meio da turbulencia caprichosa do toque esregado em borrão. E um systema defeituoso, que desaparecerá consoante a compenetração profunda e seria das responsabilidades da arte for vencendo a inesperienza fantasista do moço pintor, para que se manifeste só, desenfogadamente, o seu nativo talento de colorista. Vaz continua a ser o elegante explorador das marinhas do Sado, mais amavel com os espaços pardacentos ou azulados dos ceus e das aguas, que trata cuidadosamente, do que com as figuras aleijadas e tropegas, que desconsoladamente povoam os seus quadros. No *Pavie reverse*, — um titulo cujo exotismo precioso se não deve estranhar, attendendo a que o artista vive na sertaneja e remota provincia, — Vieira confirma a sua felicidade magistral, como pintor das abertas rosas luxuriantes e jocundas. Gyrão assumiu uma proficiencia indiscutivel, na difficil pintura dos coelhos e gallinaes. A paisagem enviada por M. H. Pinto, cheia d'um denso arvoredado, em que o outomno entremeia effeitos amarelentos e ferruginosos na pobre verdura empallidada, foi escrupulosamente observada e executada. E para o arejado quadro *Na eira*, apesar da sua deploravel cor crua, Christino soube ao menos escolher um dos episodios capitais do trabalho da terra, um assumpto movimentado e impressionante, — cousa louvavel que, de passagem se consigne, raramente accommette a preguiçosa inspiração inexigente dos nossos paysagistas, pouco dados ao diligente rebusco de motivos imprevistos e realmente interessantes.

A marca typica da maneira de Ernesto Condeixa é a tenacidade consciente na construcção demorada e detalhada da sua pintura, o arduo trabalho repisado, sem a vibração d'um esses toques rasgados, que logo avultam como traços palpitan-tes de vida. Os seus retratos hão de parecer-se com as pessoas copiadas, — todos nos sentimos dispostos a ficar por isso; e não se duvida da fidelidade carinhosa com que elle transportou para as suas numerosas telas uma infinidade d'assumptos, regularmente triviaes; mas nunca no seu processo de factura, calmo e frio, reponta a victoriosa franqueza alentadora. Tem, designadamente, paysagens d'uma inferioridade lastimavel, proprias para comprometterem a capacidade e o criterio de Condeixa, se elle ao mesmo tempo não pintasse obras d'um estimavel e consistente valor; emquanto que, n'outras, a natureza surge-nos melancolicamente luctuosa, e os livres ares negrejam como na luminosidade escurecida, pestanejante, e mortica, d'um principio de noite. Nos seus estudos de figura, Condeixa patenteia a disvelada correção d'um artista — integro, que idolatra as miudezas subteis do desenho, e defende porventura a inviolabilidade dos contornos, agudamente accusados; e, fugindo das innovações perturbadoras, cultiva socegadamente uma commedia sobriedade de cor. Ah! que, se eu não temesse perpetrar uma phrase vehemente e arrojada, havia de dizer-lhe com desassombro que derramasse um pouco d'alma na sua paleta.

Um busto em bronze, valentemente feito; uma ventruza e cabisbaixa estatueta de creança *Amur-*

da, em gesso, mo-la-la com presteza e segurança; e um grupo, redondamente infeliz, composto de dois magros rapazolas, cortados a meio corpo, que se contam abraçados uma *Historia divertida*, collocando-se, evidentemente, na mais desengonçada e incommoda posição para as expansões da hilaridade, taes são os unicos trabalhos novos de Moreira Rato.

Emfim, noto que o *amador* insinua se e cresce d'anno para anno, n'estas exposições, installa-se, toma posse. Que os do grupo do Leão se acatelem, contra esse invasor surrateiro, mas terrivel! Em qualquer ramificação das artes, litterarias ou plasticas, o *amador* é o inimigo, o daminho bicho parasita, que enreda, fura, e estraga. É o filso entendedor, que tem opiniões perigosas e altaneiras, para uso das suas relações; é, misturado n'uma sociedade despreñida d'artistas authenticos, como era torpe verruga obscena maculando um corpo são; é um cogumello de má casta, assoberbante e venenoso; é uma peste, besta de destroço, um tropêço, um lacrau, um esg tracho, herva ruim!

Monteiro Ramalho.



AS NOSSAS GRAVURAS

BISMARCK NO REICHSTAG

A nossa gravura da primeira pagina representa o illustre chancellor da Allemanha, no *Reichstag*, n'uma das sessões em que a sua voz auctorizada se ergueu para fazer as revelações de paz ou de guerra, que toda a Europa hoje commenta nas mais descontraças opiniões.

Effectivamente as palavras de Bismarck fallando de paz, ao mesmo tempo que pedia ao *Reichstag* que votasse o augmento do exercito allemão, deixam duvida sobre as intenções pacificas da Allemanha, tanto mais, depois do procedimento do imperador Guilherme que decretou a dissolução do Reichstag, por este lhe não votar a proposta do augmento do exercito, e mandou proceder a novas eleições.

Essas eleições são hoje o assumpto dominante, porque do resultado d'ellas depende, talvez, ou a guerra estrangeira entre a Allemanha e a França, ou a guerra civil no seio da propria Allemanha, cujos diferentes estados de que se compõe, não estão em perfeito accordo com as idéas de guerra que se alimentam principalmente na Prussia.

E isto o que se deprehende da votação em contrario do *Reichstag*, e é isto que constitue a grande lucta do chancellor de ferro, nas novas eleições que se vão realizar.

Fazem-se circular os boatos mais aterradores com respeito ao rompimento de ostilidades entre a Allemanha e a França, e tudo isto tem por fim principal influir nas eleições que se preparam, afim de que o novo *Reichstag* seja favoravel as idéas de Bismarck, e por consequencia ás idéas do imperador Guilherme. Esta opinião é geral na imprensa Europea.

Emquanto na Allemanha se agitam estas idéas de guerra, a França conserva uma placidez aparente, em perfeito contraste com a Allemanha, o que não deixará de fazer o desespero de Bismarck do triumpho da sua causa.



FONTES PEREIRA DE MELLO

II

O grande estadista, cuja morte a patria hoje deplora, nasceu em Lisboa no dia 8 de setembro de 1810, sendo filho do illustre official de marinha, João de Fontes Pereira de Mello, e de D. Jacyntha Venancia Rosa da Cunha Mattos. Era assim apparentado com o famoso general e escriptor brasileiro Raymundo da Cunha Mattos. Seu pae nasceu em Elvas, e chegou tambem, como adiante diremos, a ser ministro de Estado.

João de Fontes Pereira de Mello teve cinco filhos: Alexandre e João; Rodrigo, que falleceu viúvo de um desastre quando contava doze para quatorze annos; Antonio, que estamos agora biographando, e a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Henriqueta de



TARUCA, CAROCHO E FARRUSCA
Quadro de D. Bertho Ortigão, adquirido pelo sr. Oliveira Simões



BOSQUE DE MENDON
Quadro de Condésta, adquirido por Sua Magestade a Rainha



PONTE VELHA, PORTALEGRE
Quadro de H. Pim



NA TABERNA
Quadro de J. T. Boito



UMA CABEÇA DE GAROTO
Quadro de Martin, adquirido pelo sr. Henrique J. d'Assis



PRAIA DA NAZARETH
Quadro de Vieira, adquirido pelo sr. conde da Praia e de Monforte



THOMAS, NARÃO
Quadro de



NA LIDA
Quadro de J. P. Christian, adquirido pela sr.ª D. Alice Menro Anjos



RETRATO DA MENINA G. CABRAL
Quadro de A. Baralho



PAPÓULAS E BOTÕES DE OUBO
Quadro de D. J. E. Green



CANOA ARRICANDO À PRAIA, SADO
Quadro de Vas, adquirido pela sr.ª D. Alice Menro Anjos



PRADO, SICALAL
PRAIA DE M. F. S.



UM PESCADOR
Quadro de Condésta



ARABE
Quadro de A. C. M. Green



COELHOS
Quadro de Ortigão



ANDALUZA
Quadro de Boito

Fontes Ganhado, que lhe sobreviveu, e que guarda no seu coração dilacerado por este pungentíssimo golpe o eterno lucto e a eterna saudade do irmão estremeado.

Foi durante o periodo absolutista que o futuro ministro cursou os primeiros estudos, guardando na memoria a recordação das scenas horribolissimas a que assistia, e que lhe iam accendendo no espirito o odio ao despotismo e o culto da liberdade. Seu pae, liberal no intimo do coração, cumpria o seu dever de soldado, anciando por que o não collocassem na contingencia de optar entre as aspirações da sua alma e os deveres da disciplina, que o mandavam obedecer aos seus immediatos superiores, sem discutir a causa que elles serviam. D'essas aniedades o livro da entrada do exercito do duque da Terceira, que foi acolhido em Lisboa com indescriptivel entusiasmo, não sendo dos que menos ardentes se mostraram essa criança de quatorze annos, que sentia pulsar no coração o amor da liberdade, amor que sempre conservou, como um culto sagrado, até ao ultimo dia da sua existencia.

No dia 24 de julho de 1833 entrara o duque da Terceira em Lisboa; vinte dias depois, no dia 13 de agosto, Fontes sentava praça de aspirante a guarda-marinha na companhia de que seu pae era commandante.

Lisboa, cercada pelas tropas miguelistas que refluíam do Porto, debaixo do commando do glorioso marechal Bourmont, chamava a defendel a todos os peitos que pulsavam pela liberdade. Pegavam em armas os velhos fatigados e as crianças imberbes. Fontes, que vestia com orgulho a sua farda de aspirante, não quiz ficar inactivo. O energico almirante inglez Napier concorreu com os seus marinheiros na defeza das linhas de Lisboa. Fontes sollicitou a honra de servir debaixo das suas ordens, e recebeu o baptismo de fogo no combate de 11 de outubro de 1833, que assegurou a inexpugnabilidade da capital. Quando nos lembramos porem que uma bala estúpida e cega, atravessando o coração d'esse aspirante de quatorze annos, podia ter privado a patria de um dos seus filhos mais preeminentes, como que estremecemos. Mas a Providencia vela pelos seus escolhidos, e Fontes Pereira de Mello atravessou incolume essa tempestade de metralha.

Quando o exercito liberal e a esquadra liberal continuaram as suas operações, depois de libertada Lisboa, Fontes não continuou a servir. Só por excepção é que se permitira que os estudantes pagassem em armas, e seria uma imprudencia levar a ceifa dos campos de batalha a messe lourejante dos futuros servidores da patria. Voltando aos bancos das escolas, Fontes começou a frequentar a Academia dos Guardas Marinhas, sendo premiado no primeiro e no segundo anno, e approvado com distincção nos exames do terceiro anno, no Observatorio Astronomico. A lei não permitia que houvesse premios no terceiro anno, e foi só por isso que Fontes os não obteve. Effectivamente o futuro chefe do partido regenerador não foi só um estudante de primeira ordem, foi um estudante excepcional. Ha d'isso uma prova interessante. Em 1805 fôra instituido na Academia dos Guardas Marinhas um premio extraordinario para recompensar o merito relevantissimo. No espaço de trinta annos decorridos desde a fundação d'esse premio só tres estudantes o tinham alcançado. O primeiro fôra o pae de Fontes, do segundo não sabemos o nome, o terceiro foi o nosso biographado.

Consistia esse premio n'um sextante e em livros de navegação. É natural que esse sextante ainda exista, e guardal-o ha de certo a familia com a veneração suprema que merece o primeiro objecto que recompensou os merecimentos do homem que foi depois cavalleiro do Tosão de Ouro. Entre esse humilde sextante, e o collar da ordem fundada por Philippe de Borgonha, e que quasi sempre adorna unicamente reis e principes, está uma vida inteira de gloria, de serviços e de triumphos.

Nas ferias de 1835, Fontes, obedecendo á praxe sensatissima que obrigava então os aspirantes de marinha a fazer viagens de instrução, foi aos Açores e á Madeira a bordo do brigue *Fyral*, commandado pelo distincto official de marinha Cecilia Kol, que morreu sendo almirante. Fontes, que até ao fim da sua vida conservou uma grande predilecção pela marinha, fallava sempre com ufania e saudade d'essa viagem que fizera aos 16 annos, e que lhe merecera justos louvores, porque mostrara desembaraço e acerto na applicação á pratica das theorias que aprendera na Escola, o que nem sempre succedia nem aos melhores estudantes.

Mas o que dominava então n' o espirito de Fontes era o desejo ardente de saber. Nomeado guar-

da-marinha honorario depois d'essa viagem, foi em 1836 matricular-se voluntariamente na Academia de Fortificação. Em 1837 era nomeado guarda-marinha effectivo, e, como a Academia n'esse anno se reorganisara passando a denominar-se Escola do Exercito, e destinando-se a preparar officiaes para as armas scientificas, Fontes delibrou estudar o curso de engenharia militar, em que alcançou os mesmos triumphos que obteve no curso de marinha. No primeiro anno teve dois premios, no terceiro um premio honorifico.

Mas estava se então n' aquelle grande movimento de renovação dos estudos superiores, que é uma das glorias da dictadura de Passos Manuel. Da mesma forma que a Academia de Fortificação se transformara em Escola do Exercito, a Academia de Marinha (que não deve confundir-se com a Academia de Guardas-Marinhas) transformára-se em Escola Polytechnica, e alli se inaugurava uma serie de cursos de um caracter perfeitamente moderno e pratico. Um d'esses cursos, e o que chamava mais a attenção, era o curso de mecanica, regido brilhantemente, mas debaixo de um ponto de vista nimiamente superior, por Albino de Figueiredo. Fontes foi logo matricular-se n'essa aula, sem deixar de frequentar a Escola do Exercito. Quarenta alumnos se tinham matriculado, mas as difficuldades do curso fizeram com que apenas seis lograssem fazer exame; um d'esses seis era o nosso brilhante guarda-marinha.

Ou porque suppozesse que a promoção no corpo de engenharia seria mais rapida do que na marinha, ou porque uma vaga presciencia o advertisse de que era em terra que devia fazer a sua carreira, Fontes, apesar do gosto que mostrava pela vida do mar, passou para o corpo de engenheiros em 1839, sendo logo promovido a tenente. Contava apenas vinte annos, e parecia que lhe estava reservado um brilhante futuro militar. Teve-o mas por caminho diverso. O pachorrento vagar das promoções por antiguidade que florescem no nosso exercito, fez com que o tenente de vinte annos aos quarenta fosse ainda capitão.

Em 1839 João de Fontes Pereira de Mello foi nomeado governador de Cabo Verde, e levou como ajudante de ordens seu filho, que o acompanhava sempre durante os tres annos de governo. É p'issimos a actividade que o nosso tenente alli desenvolveu. Visitou as ilhas todas, e o districto da Guiné, que era então uma dependencia de Cabo Verde, e então se revelaram tambem os germens do futuro estadista. As visitas que fez ás diferentes ilhas e ao continente, as observações a que se entregou deram assumpto a um grande numero de relatorios, em que indicava o modo de desenvolver a prosperidade e a riqueza do archipelago, relatorios acompanhados de plantas que elle proprio levantára dos diferentes portos. Começando a tentar em Cabo Verde em ponto pequeno o que dez annos depois levou a cabo no paiz inteiro, incitou seu pai a desenvolver as obras publicas na provincia. Planeou muitas, e começou a executar algumas, entre outras o Hospital da Misericordia da Villa da Praia.

Terminados os tres annos de governo, regressou seu pai ao continente, acompanhado não só pelo seu ajudante de ordens, mas por sua nora D. Maria Josepha de Sousa. O moço official deixára se captivar pelos encantos de uma genti caboverdeana, filha do negociante Antonio de Sousa Machado, e prendera se aos vinte e um annos nos laços doirados de um casamento de amor. Era um rapido idyllio a que a morte não tardaria a pôr termo.

(Continua)

Pinheiro Chagas.

O infante D. Duarte e a Restauração de Portugal

(Concluido do n.º 2.º)

D. Duarte desejava que a patria despedaçasse as algemas insupportaveis que a prendiam; mas, a exemplo do duque D. Theodosio, seu pae, acreditava, e com razão, que não tinha ainda soado a hora opportuna: nem então podia prevêr os acontecimentos que, dentro e fóra do paiz, occorram, passado algum tempo, acontecimentos que a tornaram exequivel, e apressaram mais do que era de imaginar. Alem d'isto D. Duarte tinha vivido annos em Allemanha, onde a politica hespanhola influa poderosissimamente, o que não contribuiria pouco para lhe exaggerar as difficuldades de um commettimento contra a sua despotica soberania. Ah! de quão diverso modo procedera elle, se, em lugar de vir a Portugal nos fins

de 38, o houvesse feito anno e meio mais tarde, isto é, nos meados de 40, quando a exasperação da nobreza e do povo os havia approximado reciprocamente, e quando, crescido o bando dos conjurados em numero e importancia, ia adquirindo cada dia novas forças a idéa da liberdade, unica estrada para sair com honra de tanto opprobrio e aniquilamento, porque, inspirados aquelles grandes portuguezes pelo poder occulto e sobrenatural, que leva os heroes a commetterem feitos quasi impossiveis, tinham fé na sua estrella, e estavam decididos a ir ávante, embora os não quizesse acompanhar o duque de Bragança. Oh! então, estamos certos, elle escutaria a voz da patria, que lhe bradava pela bocca de tão amantes filhos, e com elles, e como elles, desembainharia a espada gloriosa para defendel-a. Não permittiu, ainda mal, a sua e a nossa desventura, que assim acontecesse!

Contempla, pela ultima vez, ó nobre principe, esse Tejo que te leva ao oceano. Farta os teus olhos na formosura d'essa cidade, que se banha, e se mira nas suas aguas, esquecida de que foi a descobridora e conquistadora de grande parte do mundo, e agrilhada ao poste da ignominia pela mão tyranna e sempre odiada do estrangeiro. Contempla-a bem, que nunca mais a verá! Breve raiará para ella o sol da liberdade, allumiando os seus templos e palacios, e acordando os seus filhos do longo somno da escravidão; tornará a viver feliz e senhora, posto não cinja de novo na fronte predestinada a corôa de rainha dos mares; será a côrte, como já foi, de reis portuguezes, e saídos da tua familia; e tu, embora esperes voltar ás suas praias, ajudal-a com a prudencia dos teus conselhos, e com o valor do teu braço, vela a rainha, em vez de serva, e morrer, e ser sepultado na terra de teus paes, nunca, nunca mais tornarás a pizar as suas areias, e só de longe, do fundo de uma prisão, em paiz extranho, entregue aos seus e teus inimigos, sentirás o influxo dos raios da sua independencia, sem os poderes gozar, sem a poderes servir, e exalarás o ultimo suspiro, lembrando te d'ella, no tumulo em que vivo te sepultaram, e que servirá de abrigo aos teus restos.

E lugubre esta pintura; e na verdade bem tristes foram os ultimos annos da vida do nosso infante! Resumiremos todas as suas desgraças n'algumas linhas, e n'estas se verá como elle, apesar das maiores contrariedades do destino, serviu efficaçamente a causa portugueza.

Chegado a Allemanha, D. Duarte continuou militando no exercito imperial com os postos de sargento-general de batalha e de coronel do regimento de cavallaria, chamado da Banda Negra, e tomou parte distincta nas campanhas de 1639 e 1640, até que, approximando-se o fim d'este anno, assentou os arraiaes de inverno em Leiphen, perto de Ulma. De repente soa a nova de que o imperador está sitiado em Ratisbona pelo atrevido general sueco Baner, o qual, aproveitando o descansa dos contrarios, e desprezando os rigores do tempo, marchara inopinadamente sobre aquella cidade para se apoderar do soberano, assim como da dieta que alli funcionava, e D. Duarte lá corre a defendel-o, sem saber que ia defender um ingrato, e na propria occasião em que já tramava a sua ruina. Desvanecese o perigo; volta D. Duarte a Leiphen; e pouco depois recebe a noticia incerta, obscura, de que rebentara uma revolução em Portugal; que seu irmão fôra aclamado rei; e que a elle queriam prendel-o. Sem aviso algum do reino (triste consequencia da precipitação dos ultimos acontecimentos, do descuido dos seus, e da má vontade dos que lhe eram alli adversos), julgando os factos uma repetição dos tumultos d'Evora, cercado de inimigos, dirige-se a Ratisbona, para justificar-se; mas no caminho é preso, e, ao chegar, mettido n'uma estalagem, guardado de perto por sôldados, e privado da maior parte dos seus servos. Queixa-se, e não o ouvem; protesta a sua innocencia, e não lhe attendem os protestos: Hespanha dominava poderosamente em Vienna, e preparara a sua perda, e fechara todos os ouvidos. De Ratisbona levam-o a Passaw; de Passaw a Gratz; de Gratz finalmente a Milão; sempre com escolta numerosa, sempre seguido e atormentado pelos satelites dos ministros de Filippº IV. O imperador completara a sua perfidia, vendendo, entregando o principe portuguez, o seu generoso servidor, o seu parente, ao oiro, ou á influencia da côrte de Madrid; e desde esse momento dobrou-se o seu martyrio, ficou decidida a sua sorte! Clausurado na Roqueta, sita no mais interior da fortaleza de Milão, praça de guerra de primeira ordem, e bem percebida, como principal baluarte dos hespanhoes no norte de Italia; mettido n'uns aposentos ao rez do chão, humidos e maos, condemnado á inactividade, privado de quasi todos

os familiares, guardado por duas sentinelas de vista, não só de dia, mas também de noite, e, requinte de malvadez inútil! reconhecido no proprio leito pelas frequentes rondas, com lanterna acesa, que lhe punham ao pé do rosto, perturbando-lhe a miúdo o tão necessario descanso do somno, victima de mil terrores, perseguido pelas doenças, vilipendiado pelo tenente do castello, calumniado, privado da espada e das honras militares, privado do consolo espiritual do seu confessor, processado, convencido iniquamente do crime de lesa-majestade, ouvindo deprimir a cada momento a patria e o irmão, o nosso pobre infante viu correr os dias, os mezes, os annos, longos, monotonos, interminaveis, travados de algumas passageiras esperanças, desmaiados clarões sobre a tela negra e espessa dos infortunios, com a resignação do verdadeiro crente, e com a alma transbordando de amor da terra natal, sentimentos que o acompanharam sempre no longo encarceramento, e que só lhe influram milagroso esforço para supportar tamanha miseria. Debalde D. João IV, debalde os seus amigos, debalde muitos portuguezes procuraram libertal-o. Projectos de exito quasi seguro, rasoaveis, inexequiveis, tudo se tentou, baldou-se tudo, não serviu tudo senão para augmentar-lhe os soffrimentos! Só um bem, e grande bem, teve o infante n'elles: a correspondencia que manteve por meios mysteriosos e incriveis, durante sete annos, com algumas pessoas que o protegiam, sem jámais a descobrirem os hespanhoes; correspondencia valiosissima para o negocio da sua liberdade, e sobretudo por lhe proporcionar noticias da sua familia, e dos successos do seu paiz, habilitando-o ao mesmo tempo a ajudal-o, de longe, e preso, com o juizo sã e com a inteireza de caracter, que o distinguem, no que não prestou poucos serviços ao reino. Impedido pela politica de Hespanha de combater á frente dos portuguezes; retido por Hespanha como refem, ou como futuro intermediario na pacificação dos rebeldes (assim ella nos chamava), do que não perdeu por muitos annos a louca idéa, o infante deixou-nos n'esta correspondencia a prova mais cabal de como taes esperanças a seu respeito eram insubsistentes, de quão intrinseco patriotismo ardia a sua alma, e principalmente de como teria corrido pressuroso ao chamamento dos conjurados, se a fatalidade, e a incuria e a malvolencia não o tivessem deixado na escuridão mais completa ácerca dos acontecimentos que estavam para rebentar em Portugal.

Offerecendo-se occasião, eu virei d'onde quer que me ache, e não vos faltarei com o meu amparo, disse D. Duarte a Jorge de Mello, quando este lhe fallou em 38 em Lisboa. Sendo prevenido, D. Duarte não faltaria pois á sua promessa, e, irmão do soberano, amado pelo povo, general do exercito allemão, e aureolado pela fama obtida na celebre guerra dos *Trinta Annos*, seria certamente o primeiro heroe, e o primeiro caudilho da restauração de Portugal. Não o permittiu Deus; e o infante não teve remedio senão conformar-se á dureza do destino; porém, mesmo da sua prisão, guardado de perto, perseguido, ameaçado, sujeitando-se a apanharem-o em flagrante crime de conspiração, d'onde lhe resultaria perpetuo encerro, ou talvez a morte, conseguiu communicar-se, graças ao entranhado affecto de algumas almas generosas, quer directas, quer indirectamente, com el-rei, com o secretario d'Estado, Pedro Vieira da Silva; com o marquez de Niza; Antonio Moniz de Carvalho; Christovão Soares de Abreu; Antonio de Souza de Macedo; Francisco de Souza Coutinho; João de Guimarães; Fernando Brandão; Nuno da Cunha; e Nicolau Monteiro; nossos ministros em França, Inglaterra, Hollanda, Suecia e Roma; e com os que residiam no congresso de Munster, então reunido para tratar da paz geral, Luiz Pereira de Castro, e Francisco de Andrade Leitão; e por meio d'essa correspondencia encaminhou muitas vezes os negocios, já apressando, já moderando, já reprovando a marcha que seguiam, e até, em mais de uma occasião, mandando aos ditos ministros, ou por o consultarem, ou independente d'isso, que não cumprissem as ordens de el-rei, por serem prejudiciaes. Nem ficou em tamanhos testemunhos de amor patrio o infante D. Duarte. Indignado pelas falsidades, que os hespanhoes espalhavam contra nós por toda a Europa, ao sabor do seu odio e da sua phantasia, determinou que os desmentissem; de maneira, que muitas das obras impressas então a este respeito se devem á sua iniciativa, e, ás vezes, mais do que á sua iniciativa, á sua penna, pois, não confiando todo o trabalho a mãos alheias, elle mesmo a furto, e incorrendo nos maiores perigos, conseguiu escrever apontamentos para serem refutados Caramuel, Chumacero, e Nicolau Fernandes de Castro, tres inimigos acerrimos da nossa independencia.

Na terrivel situação em que se achava o infante, quem poderia fazer mais do que elle em prol da restauração portugueza?

Para servir o seu paiz com a espada, ambicionou principalmente a liberdade. Não a podendo conseguir, viveu com elle e para elle no carcere, empregando n'elle a maior parte dos seus pensamentos. Quando uma vez lhe esgotaram a paciencia com desprezos e tyrannias, não duvidou, por causa d'elle, romper n'esta explosão do que ha tanto reprimia no intimo do peito, origem depois das suas maiores perseguições: «*pela minha patria daria mil vidas, se as tivesse.*» Emfim, vendo perto a hora extrema, com a alma ainda povoada da sua lembrança, e sentindo a morte quasi a fechar-lhe os olhos, imaginou que os seus restos inanimados poderiam gosar ao menos o que não pudera gosar em vida, e, deante dos que lhe assistiam ao transitio fatal, e depois de fazer testamento, virou-se para o gran-chancellor do estado de Milão, e disse-lhe estas palavras, que foram as ultimas: — «*Desejo ser sepultado na minha terra.*»

Ah! como te enganavas desgraçado principe! Hespanha negou a entrega do teu corpo, e quiz mercadejar com elle; Portugal, quando podia alcançal-o, esqueceu-se, e deixou-o nas mãos dos seus inimigos; e, quando, passados mais de dois seculos de indiferença, foi em sua procura, era tarde: os teus restos tinham sido ha muito lançados a qualquer canto, ou misturados com outros na valla do cemiterio!

J. Ramos Coelho.

OS DORIAS

Opera em 4 actos de AUGUSTO MACHADO

A formosa opera de Augusto Machado que tão grande successo alcançou ha noites no theatro de S. Carlos, teve ao principio um outro titulo; chamava-se *Fieschi*.

Foi com este titulo que logo apoz o exito da *Laureana*, a sua primeira opera seria, Augusto Machado começou a escrever a partitura que tão festivo acolhimento acaba de receber.

Depois, um bello dia, encontramos os *Fieschi* chrisimados em *Dorias*. Porque? Ao certo não sabemos, mas pode muito bem ser que por alguma razão bem futil, por um d'esses enguichos de theatro, a que muitos grandes artistas são sujeitos!

Fieschi e *fiasco* são duas palavras que euphonicamente vivem paredes-meias, e quem sabe se seria esta proximidade que motivou a chrisma.

Fosse como fosse ou pelo que fosse, o que é certo, é que a opera nascida *Fieschi* se apresentou ao publico com o nome de *Dorias* e com um successo tão brilhante que daria razão ao enguicho, se o merecimento real e enorme da partitura não tirasse todas as razões de ser aos receios do tal euphonismo.

O primeiro titulo, nem mais bonito nem menos feio do que o segundo, tinha porem sobre elle a vantagem de caber muito mais logicamente a um libretto, cuja figura dominante é *Fieschi* como o é tambem da tragedia de Schiller sobre que o libretto foi feito, e que tem até por titulo a *Conspiração de Fieschi*.

Mas não vale a pena ligar muita importancia a esta questão de titulo, que no fim de contas não tem nenhuma, porque os titulos são bons ou maus segundo as obras os fazem, e não ha titulo por melhor que seja que possa salvar uma peça, como não ha titulo por peor, que a possa matar, e sem procurarmos muito, temos, bem recente ainda, um exemplo irrisante, a *Sociedade onde a gente se aborrece*.

O librettista que reduziu a tragedia de Schiller a poema d'opera foi o sr. Ghislanzoni, o librettista da *Aida*.

Sem ser com certeza um Scribe o librettista ideal, porque para isso os seus grandes defeitos d'auctor dramático, esses defeitos que lhe valeram em toda a vida as criticas severas e violentas dos mais illustres litteratos de França, desappareciam totalmente, e só eram necessarias as suas poderosas qualidades de fazedor de peças, qualidades que lhe deram os maiores triumphos theatraes do tempo moderno, sem ser um poeta como o Arrigo Boito, o librettista do *Othello* de Verdi, um homem de theatro distinctissimo, notabilissimo, como o é Henri Meilhac, como o é Ludovic Halevy, os dois auctores da *Carmen*, uma obra prima de libretto de opera, Ghislanzoni é hoje um dos melhores librettistas que ha ahí pelo mundo theatral e o poema dos *Dorias*, deixando muito a dese-

jar, tem contudo algumas situações interessantes, verdadeiramente theatraes, que o maestro poz em relevo com notavel vigor.

Augusto Machado é essencialmente um talento moderno, uma poderosa vocação musical educada scientificamente nos novos processos artisticos, tendo um altissimo ideal da sua Arte e uma levantada consciencia da sua missão.

É um artista serio, reflectido, intransigente com tudo o que são *ficelles*, não sacrificando nunca ao publico a sua idea, não se afastando nunca um passo do caminho da Arte como elle a entende, para vir buscar á banalidade, á convenção, um applauso.

É assim, e sempre assim foi, mesmo antes de se abalancar ás altas regiões do drama lyrico, em que o seu nome surdia já hoje glorioso.

Antes de ser aclamado em S. Carlos, Augusto Machado foi applaudido na Trindade, e ahí Machado poderia ter obtido ruidosos successos como *maestrino* se tivesse menos alta comprehensão da sua Arte, se quizesse transigir com o gosto do publico.

Quem faz o mais faz o menos, e ao auctor da *Cruz d'Ouro* teria sido facilimo tornar-se o *enfant gâté* das plateas lisboetas, lançando se nas trivialidades da opera burlesca.

Nas suas operetas o que prejudicava o successo não era a falta de talento, era a abundancia d'arte, a elevação d'estylo.

Mas Augusto Machado não transigia, era muito seriamente artista para isso, e como a opera comica a valer, a opera-comica arte, se não pode implantar em Portugal, porque faltam para isso todos os elementos, a começar por executantes, não querendo descer, subiu, não querendo fazer opera burlesca, fez grande opera.

O bello exito da *Laureana* animara-o ha tres annos a continuar no caminho que encetara, o colossal successo dos *Dorias* prova-lhe agora que esse caminho fôra bem escolhido, e o *maestrino* que na Trindade tinha successos de estreia, é hoje o maestro glorioso aclamado triumphantemente no palco de S. Carlos.

Nos *Dorias*, o maestro festejado da *Laureana* revelou-se sob uma phase nova do seu talento brilhante de compositor, phase que na *Laureana* apenas se entrevira — a phase dramatica.

A *Laureana* era quasi que exclusivamente uma opera comica, uma alta comedia musical. As poucas situações dramaticas do poema eram frouxas na partitura, a sua parte menos brilhante com certeza.

Nos *Dorias* Augusto Machado investe ousadamente com a musica dramatica, e triumphou completamente, como no grande duetto de tenor e soprano, no terceiro acto, em que paira como que um sopro d'inspiração meyerbeana, na conjura do segundo acto, e na *preghiera* do ultimo acto, que é uma verdadeira obra prima.

De todos os actos da opera o menos notavel é o primeiro.

Ha n'elle trechos de valor, como a entrada da soprano, o quarteto de tenor, barytono, soprano e contralto, e a canção bachica do barytono, mas o final do acto tem pouca grandeza, a musica fica muito áquem da situação, e principalmente a falta maior que encontramos n'este acto é no desenho musical do personagem de Fieschi.

É difficilimo de desenhar esse personagem, bem o sabemos, esse patriota heroico e original que occulta sob as exterioridades infames d'um devasso, d'um galanteador, d'um cynico, os seus planos de conspirador; a nós parecia-nos necessario que essa dualidade, que essas duas individualidades que ha em Fieschi se tornassem bem salientes, a falsa e a verdadeira, em vez de se apresentar apenas a primeira, como se apresenta, não se deixando a segunda adivinhar, se não em uma phrase rapida do final do acto

«*Patria, patria! qual 'outa mi costi!*
«*Ma il leone si appresta a ruggir.*»

phrase que desejaríamos que fosse mais energicamente accentuada, e que se perde logo na bachanal das mascaras, um contraste *mangué*.

O segundo acto é incomparavelmente superior ao primeiro.

No 1.^o quadro ha um duetto de Dona com a mulher de Fieschi, que é bem feito; ha a romança do tenor, a scena com o mouro, um personagem perfectamente caracterisado na musica, e a magnifica conjura que termina o quadro, uma bella pagina musical de grande effeito dramatico e tratada magistralmente.

O segundo quadro d'esse acto é todo elle um primor, um primor de inspiração graciosa, de estylo elegante, de bellos e delicados effeitos theatraes.

E n'este quadro a *barcarola* de contralto, com respostas do côro de mulheres, que é adoravel de delicadeza, a scena de Fieschi e Julia, tratada no mais puro e gracioso estylo do genero, e o final, que é d'um effeito maravilhoso, originalissimo, apesar da sua extrema simplicidade.

Todo este quadro é uma perola do mais alto valor artistico, e bastaria para fazer a reputação e a fama illustre do seu auctor.

O terceiro acto abunda tambem em bellezas de primeira ordem, sobresahindo a todas o formoso duetto de Leonor e Fieschi, que já citámos, os bailados, escriptos deliciosamente com uma inspiração graciosa e ligeira, e que podem hombraear com os bailados mais bem trabalhados de Massenet, e que perdem por ventura um bocado do seu effeito por serem longos de mais, a scena de Fieschi e Julia, perfeitamente tratada na musica, e o concertante final, que é magnifico.

No ultimo acto ha uma pagina soberba de musica, que é não só o melhor trecho da opera de Machado, mas um dos melhores trechos de musica moderna que conhecemos, a *preghiera* do soprano, que teve, alem do seu grande merecimento, a boa fortuna de encontrar uma interpretação excepcional em Helena Theodorini.

E eis aqui, rapidamente apontadas, as principaes bellezas da nova opera de Augusto Machado, opera d'um grande valor artistico, que representa um enorme progresso sobre todos os seus trabalhos anteriores, opera em que se accentuam brilhantemente as poderosas qualidades do seu grande e incontestavel talento, e que é não só uma gloria para Augusto Machado, como tambem uma gloria para a Arte portugueza, porque os *Dorias* não são já um ensaio feliz d'um compositor que principia, são a affirmação triumphante d'um maestro illustre que tem jus a um logar hónroso entre os mestres mais distinctos da musica contemporanea.

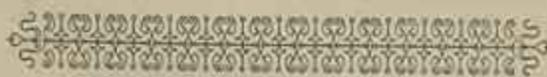
SEXTO SALÃO DE QUADROS



UMA HISTORIA DIVERTIDA
Grupo em gesso por Moreira Rato

gusto Machado, consignava brilhantemente, ruidosamente, a enorme victoria alcançada por um grande artista seu compatriota e pela Arte do seu paiz.

R.



RESENHA NOTICIOSA

CONCERTO PELA REAL ACADEMIA DE AMADORES DE MUSICA Teve logar no salão da Trindade, em a noite de 14 do corrente o 15.º concerto da Academia de Amadores de Musica, o que importa dizer que foi mais um triumpho para os distinctos amadores que a compõem. O concerto era composto de duas partes, a saber: primeira parte — Overture, *Poete et paysan*, de Suppé. *Moraima*, de Espinhosa. Romanza, *Ritorna vencedor*, da opera *Aida*, para canto, pela sr.ª D. Angela Kemp Serrão, de Verdi. Sevillhana de *D. Cesar de Bazan*, de Massenet. *Pizzicato des mandolines*, de Desormes, *Danças húngaras*, phantasia para violino pelo sr. Henrique Sauvinet, de Sarrazate; segunda parte — Overture da opera *Tutti in mas chera*, de Pedrotti. *Melodrame de Pincolino*, andante, solo de violino, pelo sr. José da Costa Carneiro, de Godard. Arioso da cantata *Orientaes*, solo de baixo pelo sr. A. A. da Costa Mendes de Almeida, de A. Keil. Duetto para contralto e baixo da cantata *Orientaes*, pela sr.ª D. Marianna Bravo Montalvão e sr. Mendes de Almeida, de A. Keil. *Entr'acte*, de Dias. Marcha do *Propheta*, de Mayerbeer. Este programma foi todo executado com expção, apenas, dos dois numeros das *Orientaes*, que, por subita indisposição do sr. Mendes de Almeida, foram substituidos por uma romanza e uma aria cantadas pela distinctissima amadora a sr.ª D. Mariana Bravo Montalvão, e uma valsa de Deroze, pela sr.ª D. Angela Kemp Serrão, sendo calorosamente applaudidas. Esta ultima senhora foi tambem alvo de outra ovação, cantando, com acompanhamento de orchestra e de um modo primoroso, a romanza *Ritorna vencedor*, da *Aida*, que foi bisado. A primorosa execução das *Danças húngaras* valeram ao distincto violinista-amador, sr. Henrique Sauvinet, muitos applausos. O sr. José Carneiro, distincto violinista, tocou notavelmente o solo do *Melodrama de Pincolino*, sendo muitissimo applaudido. Entre os trechos executados pela excellente orchestra de amadores, regida pelo sr. Filipe Duarte,

tornou-se mais notavel a oveture de *Poete et paysan*; a sevillhana de *D. Cesar de Bazan*, o *Pizzicato des mandolines*, e o *Entr'acte*, de Dias.

BECLARD. Falleceu em Paris Mr. Beclard decano da faculdade de medicina de Paris. Mr. Beclard nascera em Paris a 17 de dezembro de 1818 e era filho do celebre anatomista do mesmo nome. É uma grande perda para a sciencia da physiologia principalmente porque Beclard cultivava esta sciencia superiormente e o seu *Tratado Elemental de physiologia humana* é um dos livros classicos da medicina.

ENVENENAMENTO PELO BACALHAU. Aparecem em algumas revistas de medicina estrangeiras, noticias sobre envenenamento pelo bacalhau, que muito convem saber. Millet observou casos de intoxicação resultantes do bacalhau vermelho. Este bacalhau apresenta uma cor avermelhada, mais insistente ainda na espinha dorsal, os tecidos desfazem-se facilmente com qualquer fricção, e o cheiro é desagradavel denunciando decomposição.

SARAU GYMNASTICO. O *Real Gymnasio Club Portuguez* deu em a noite de 18 do corrente mais um sarau gymnastico, que foi mais uma festa brilhante e de propaganda gymnastica, com que muito tem a lucrar a educação physica da mocidade portugueza. Tomaram parte nos exercicios gymnasticos, alem de alguns socios do gymnasio, os alumnos da *Escola Academica* e do *Collegio Arriaga*. Os primeiros d'estes alumnos executaram diferentes

exercicios nas *parallelas*, saltos de vara e exercicios de trepar. Os segundos apresentaram varios exercicios elementares de gymnastica, executados com uma precisão que maravilhou os espectadores. Foram todos justamente applaudidos, no que coube uma boa parte ao professor Monteiro, que dirigiu os exercicios, mostrando mais uma vez a sua competencia, e os bellos resultados dos seus discipulos. Depois dos exercicios gymnasticos, seguiu-se o baile até ás 4 horas da manhã. Foi uma festa distincta e deslumbrante que o *Real Gymnasio Club Portuguez* realisou, e que muito honra a sua digna direcção, á frente da qual se acha o sr. João Xafredo, um dos mais distinctos gymnastas.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

A Moda Illustrada, publicação da casa editora David Corazzi, Lisboa. Continua este esplendido periodico de modas a sua publicação regular, duas vezes por mez, sendo o ultimo numero sahido o 196 de 15 do mez corrente. É a melhor publicação de modas que apparece em Portugal e que além de concorrer vantajosamente com as publicações francezas de igual indole, tem a vantagem de ser escripta em portuguez.

Chapelleria Universal, figurinos em phototypia das ultimas novidades de inverno, publicado por Victor Coutinho & C.ª, fornecedores da casa real, Porto.

Bibliotheca do Povo e das Escolas, David Corazzi, editor, Lisboa. n.º 141, *Copa e Cosinha formulario extrahido de um manuscrito conventual e coordenado por Antonio de Macedo Mengo*. Neste pequeno livrinho de cosinha vê-se que a cosinha portugueza é recheada de bons petiscos e que não tem inveja ás estrangeiras. Quem quizer certificar-se d'esta verdade compre o volume da *Bibliotheca do Povo e das Escolas*, e verá que não somos exaggerados.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

Typ. ELZEVIRIANA.—Rua do Instituto Industrial, 23 e 31 — Lisboa.